



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Turmas: 3B e 3C

Professora: Angélica Castilho

Estagiário: Matheus Tojeiro da Silva

Aluno(a): _____ nº.: ____ **Data:** __/__/2023

UNIDADE 6: livro O meu amigo pintor, de Lygia Bojunga; diário; leitura e interpretação; produção textual: carta; normas e usos linguísticos.

TEXTO 1

[...] Mas nessa hora o relógio começou a bater. À beça. Porque era meio-dia. E se alguém perguntar que cor que tinha a batida eu respondo correndo, amarela!!

É que eu fiquei igualzinho ao meu amigo pintor dei pra achar que amarelo é uma cor contente. E era tão bom ouvir aquele meio-dia! Cada batida que o relógio ia batendo dava mais a impressão que todo mundo tinha se enganado e que o meu amigo continuava vivinho lá em cima.

[...] Nessas horas eu olhava pro meu Amigo e não era só a pintura que ele estava mostrando que eu não entendia: eu não entendia era ele também.

Acho que é por isso que eu olho tanto pro vermelho que ele pintou aqui no álbum. Pra ver se eu entendo.

Pra ver se eu entendo.

Pra ver se eu entendo por que que tem gente que se mata.”

(BOJUNGA, Lygia. O meu amigo pintor. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004, p. 11, 12 e 19.)

TEXTO 2

COMO LIDAR COM O LUTO PELO SUICÍDIO DE UMA PESSOA QUERIDA

Paula Adamo Idoeta - @paulaidoeta

Da BBC News Brasil em São Paulo, 4 julho 2018.

Franqueza e empatia são cruciais ao amparar pessoas de luto pelo suicídio de alguém querido.

Quando as pessoas chegam a um grupo de apoio na zona sul de São Paulo, carregam consigo não apenas uma imensa tristeza, mas também culpa e diversas perguntas.

"Por que isso aconteceu? Como eu não percebi nada? Será que pode acontecer de novo com a minha família?" são os questionamentos mais comuns entre quem acaba de perder uma pessoa querida para o suicídio.

"É um luto mais intenso, duradouro, repleto de 'por quês' e com muito estigma", relata a psicóloga Karen Scavacini, mediadora do grupo de apoio, destinado a pessoas enlutadas pelo suicídio. "Muitas vezes a família estendida e os amigos se afastam ou não sabem como falar do tema, deixando essas pessoas em situação de grande vulnerabilidade."

Essa vulnerabilidade se reflete no fato de que parentes e pessoas próximas de suicidas têm risco até dez vezes maior do que o restante da população de eles próprios, tentarem tirar a própria vida.

E isso só será mitigado, segundo especialistas consultados pela BBC News Brasil, se a sociedade combater o estigma que envolve o suicídio e a saúde mental, bem como deixar de buscar "a causa" ou "o culpado" pela morte - que é multicausal e às vezes decidida de modo impulsivo, em um momento de desespero.

"No grupo de apoio, dizemos que não adianta ficar preso na busca do 'por quê?', já que a resposta foi embora com quem morreu", explica Scavacini.

"Na verdade, a gente não vai encontrar causas, porque o suicídio é sempre resultado de um conjunto de fatores", afirma o psiquiatra Daniel Martins de Barros, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPq-HC).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, quase 800 mil mortes por suicídio ocorrem anualmente no mundo, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos. No Brasil, foram registrados 11,7 mil suicídios em 2015 (dado mais recente disponível no Ministério da Saúde), sendo que parte dos especialistas teme que haja subnotificações.

E, segundo a Associação Internacional de Prevenção ao Suicídio, cada morte por suicídio afeta outras 135 pessoas, que ficam psicologicamente abaladas e traumatizadas.

(Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44618309>>. Acesso: 21 abr. 2023. Texto adaptado.)

TEXTO 3

FASES DO LUTO

1ª NEGAÇÃO: no primeiro momento, o enlutado sabe o que aconteceu, mas não permite que o sentimento se manifeste. É um mecanismo de defesa ante uma situação dolorosa.

2ª REVOLTA: o enlutado culpa alguém pela perda e procura justificativas para o que aconteceu.

3ª BARGANHA: fase em que o enlutado começa a negociar, faz promessas a Deus, diz que será uma pessoa melhor se sair daquela situação.

4ª DEPRESSÃO: pessoa se retira para seu mundo interno, se isolando e se sentindo impotente diante da situação, pensa no legado que está deixando.

5ª ACEITAÇÃO: o último estágio é encontrado por quem teve ajuda para superar as fases anteriores e compreende o que aconteceu.

Fonte: Sobre a Morte e o Morrer – Elisabeth Kübler-Ross



(Disponível em: <https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/06/vida/viver_com_saude/2132013-silencio-e-medo-cercam-a-unica-certeza-da-vida.html>. Acesso: 21 abr. 2023.)

TEXTO 4

'SOBREVIVENTES ENLUTADOS': FAMILIARES DE PESSOAS QUE TIRARAM A PRÓPRIA VIDA CONTAM COMO LIDAM COM A DOR

O G1 conversou com pais de quatro jovens suicidas que encontraram em grupos de apoio, na escrita em blog e em voluntariados uma forma de enfrentar a morte dos filhos.

Reportagem de Ana Carolina Moreno (G1), Jamile Santana, (G1-Mogi), Marina Meireles (G1-PE) e Raquel Morais (G1-GO).

27/04/2018 06h01

Quem enfrenta o suicídio de um parente ou amigo vai "sobreviver em luto". O impacto da perda é reconhecidamente tão grande que profissionais encarregados de prestar apoio psicológico chamam essas vítimas de "sobreviventes enlutados". E para se manter de pé e superar o sentimento de culpa, cada um deles busca seu próprio caminho e alguns apostam no apoio mútuo, como no caso de Roberto Maia, de 55 anos.

Quando soube que sua filha Jéssica Heloísa decidiu tirar a própria vida aos 14 anos, Maia ficou sem reação. "Não ri, não chorei, não falei. Fiquei catatônico e minha mulher [segunda esposa de Maia] foi

quem pegou o telefone. Parecia que eu tinha saído do meu corpo”, lembra ele sobre sua reação ao fato, ocorrido há 10 anos.

Maia passou anos tentando lidar com a dor, até que encontrou no voluntariado uma forma de aliviar o que sentia. “Todo mundo busca a felicidade, mas ninguém ensina a gente sobre a morte”, conta.

Maia concluiu na terça (24) o curso de voluntariado do Centro de Valorização à Vida (CVV), no Recife (PE), uma entidade que oferece apoio gratuito de prevenção ao suicídio via telefone, e-mail, chats ou pessoalmente.

“A gente faz meses de treinamento para que possa acolher a outra pessoa. Há muita gente com depressão e solidão, apesar de estar todo mundo conectado. Nosso trabalho é de acolhimento e escuta”, diz.

Blog sobre prevenção

A vontade de ajudar outras pessoas após perder a filha de 19 anos também motivou Terezinha do Carmo Guedes Máximo, de 45 anos, a criar um grupo de apoio em São Bernardo do Campo (SP) para enlutados do suicídio. Além do grupo, Terezinha mantém um blog com informações sobre prevenção e sobre a posvenção, termo usado para se referir aos cuidados com as pessoas próximas que vivenciam o luto após um suicídio.

Onilton Pires Moreira, de 45 anos, ainda tenta encontrar as respostas para superar a morte do filho Higor, de 15 anos, que aconteceu em fevereiro deste ano, em Goiânia (GO).

“Ainda não aceitei o afastamento do meu filho e existe uma ferida muito grande”, afirma ele.

Sensação de culpa

Falar sobre a morte do filho Matheus e trocar experiências com outros pais é o que também dá forças à professora aposentada Rosângela de Fátima Leite Marcondes, de 53 anos, para conviver com o luto. Moradora de Guararema (SP), atualmente ela participa de um grupo de apoio entre pais. Ainda hoje se lembra dos muitos momentos em que se sentia culpada pela morte do filho de 16 anos.

Após a morte de Matheus, toda a família passou por tratamento psicológico e psiquiátrico. “Tomo remédio para conseguir fazer as coisas do dia a dia”, diz Rosângela.

Sinais não são claros

Maia, Terezinha, Rosângela e Moreira contam que buscaram sinais que pudessem tê-los alertado sobre o estado dos filhos, mas nem sempre eles são claros.

Higor, por exemplo, começou a se afastar do convívio familiar e a passar mais tempo online, conta Moreira, que, em respeito à privacidade do jovem, permitiu o isolamento. Ele diz que sempre quis dar a melhor educação para o filho, como acesso à tecnologia e jogos em rede.

Segundo o pai, o jovem – descrito como sorridente, alegre e carismático – nunca deu sinais de que havia algum problema. A polícia investiga se grupos de incentivo ao suicídio no WhatsApp influenciaram a decisão de Higor.

Para a família de Matheus, pensamentos suicidas nunca foram compartilhados com a família, mas o jovem pediu para ir a um psicólogo depois de um rompimento de namoro. Depois, porém, acabou desistindo da ajuda.

Acompanhamento de perto

No caso de Marina, a jovem apresentou mudanças de humor desde os 16 anos. A princípio, a irritabilidade foi associada pela mãe à Tensão Pré-Menstrual. Outros sinais, como a insatisfação com o próprio corpo, foram atribuídos à adolescência.

“A gente fica com a impressão de que depressão é ficar deitado na cama. Ela fazia tudo o que sempre fazia, mas mudou o humor. Ficou agressiva, chata, e a gente achava que era coisa da adolescência. Tudo isso contribuiu para o final”, disse Terezinha.

Quando a jovem passou a ter crises, foi levada a psiquiatras. Mas quando começou a se cortar, os pais a levavam ao Pronto-Socorro. Em um desses dias, ela foi atendida por uma dermatologista que prescreveu um remédio manipulado, misturando relaxante muscular e um antidepressivo. “Dois dias depois ela foi internada no hospital psiquiátrico, o médico suspendeu o medicamento” na mesma hora, conta a mãe.

O último psiquiatra que atendeu a adolescente afirmou que suspeitava que ela tinha a Síndrome de Borderline, um transtorno de personalidade com mudanças súbitas de humor. Mas não houve tempo de chegar a um diagnóstico definitivo.

Enquanto isso, ela fazia acompanhamento com dois psicólogos, tomava antidepressivos controlados, que a mãe administrava e deixava fora do acesso da filha. Após as sessões de terapia, ela chegava em casa melhor, comia melhor, dormia melhor. E também dava sinais de que pensava no próprio futuro. Estava estudando francês por conta própria, falava sobre planos para o carnaval que se aproximava e, dias antes de se matar, participou de um processo seletivo para um estágio.

Para a mãe, a filha sofria de depressão, mas dava indícios de que estava em um processo ascendente: a melhora parecia "questão de tempo". Por isso ela se surpreendeu ao descobrir que a filha tinha usado a única hora em que conseguiu ficar a sós para levar a cabo o plano de tirar a própria vida.

(Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/sobreviventes-enlutados-familiares-de-pessoas-que-tiraram-a-propria-vida-contam-como-lidam-com-a-dor.ghtml>>. Acesso: 18 maio. 2023.)

PROPOSTA DE ESCRITA:

A partir do material de apoio e dos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija uma **carta argumentativa** a um dos familiares mencionados no texto 4 que perderam pessoas queridas vítimas de suicídio, apresentando argumentos que colaborem para o enfrentamento e a aceitação do luto.



Produção textual: O meu amigo pintor e a temática do luto. de Matheus Tojeiro da Silva; Angelica de Oliveira Castilho Pereira está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional.

Produção textual: O meu amigo pintor e a temática do luto.

Use este link compartilhar ou citar este material: